T10 – Categoria: pesquisa

A formação de educadores ambientais: um diálogo com o sujeito ecológico de Isabel Carvalho

Flora Zauli[1]; Marcos da Cunha Teixeira[2]
1 – Universidade Federal do Espírito Santo: flora.zauli@gmail.com;
2 – Coordenador do Laboratório de Educação Ambiental, Universidade Federal do Espírito Santo: marcosteixeiraufes@gmail.com

1 Introdução

Há uma série de trabalhos no campo da Educação com diferentes objetivos e discussões que trazem a narrativa e a (auto)biografia nas pesquisas voltadas para a formação de educadores (p. Ex. Isabel Carvalho, Paulo Freire, Marie-Christine Josso, Cláudio Orlando Nascimento, Rita de Cássia de Jesus, entre outros). Paulo Freire (2001), chama atenção para a importância que nossas "[...] experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem querer ao mundo ou com seu desamor à vida [...]" (p.40) tem em na nossa formação profissional. Dessa forma, mais do que simplesmente investigar academicamente as características que dão "legitimidade" a um Educador Ambiental, este trabalho tem a pretensão de fazer refletir sobre o processo de invisibilidade ao qual alguns estão submetidos e deslegitimados a partir da profissionalização do Educador Ambiental.

Nesse contexto, a autora Isabel Carvalho representa uma das referências relevantes na Educação Ambiental, em suas análises sobre o campo ambiental

e as trajetórias que o interpassam, fundou-se o “sujeito ecológico” que incorpora nessa mesma esfera os Educadores Ambientais, compreendidos por Carvalho “como uma expressão deste sujeito ecológico” (2001, p.188), assim, nessa perceptiva da autora, “o Educador Ambiental é um caso particular do sujeito ecológico” (2001, p.239). Seus trabalhos interpassam pela discussão do Educador Ambiental como sujeito, utilizando-se de desdobramentos metodológicos a narrativas biográficas de educadores ambientais que compõem as vias de acesso até as trajetórias. Porém, além das histórias de vida, seus manuscritos provocam reflexões principalmente frente ao “sujeito” de pesquisa investigado.

2 Dialogando com o sujeito ecológico

O “sujeito ecológico” é uma terminologia de uma identidade que se caracteriza por incorporar “um modo de descrever um conjunto dos ideais que inspira atitudes ecologicamente orientadas” (CARVALHO, 2013, p.115). Dentro desse universo que se reproduz o sujeito ecológico, Carvalho compreende o Educador Ambiental como um perfil profissional particular, no qual “são múltiplos os caminhos, as vias de acesso e os ritos de entrada pelos quais este pode se tornar um educador ambiental.” (2001, p.388).

Quando Carvalho realizou suas análises a partir das trajetórias de vida, contadas pelos educadores ambientais que tiveram grande influência na história da EA, ela comenta sobre a colocação dos entrevistados diante de sua formação como Educador Ambiental. Eles expressam um processo que constitui uma conjuntura de vivências que transpõe uma consolidação teórica.

> Embora boa parte dos entrevistados tenha pós-graduação, a formação enquanto educador ambiental é descrita por eles como "uma formação prática onde não se destaca um autor ou teoria; soma de experiências; um mosaico de coisas que acumularam ao longo da vida. (...) A experiência de vida tende a pesar mais do que inspirações teóricas ou processos de educação formal específicos, raramente posicionados como vias principais de acesso à EA na trajetória destes entrevistados. (2001, p.313)

As observações destacadas por Carvalho, nesse sentindo, destaca a relevância da história de vida no processo de formação de Educadores Ambientais e, contribuí no entendimento de que “o sujeito e os sentidos do mundo vivido estão se constituindo mutuamente na dialética da compreensão/interpretação” (CARVALHO, 2001, p.52). Longe de inferiorizar o ensino formal, profissionalizante, é importante ressaltar que há muitos caminhos possíveis na formação de um Educador Ambiental, e considerar a aglutinação de possibilidades para o conhecimento que a trajetória oferece. Como lembra Carvalho (2013), “embora a formação do sujeito ecológico tenha lugar em todas as experiências que nos formam durante a vida, a escola toma parte entre estas experiências como um elo muito importante deste ambiente-mundo em que vivemos” (p.117). O mesmo se aplica à formação do Educador Ambiental, pois as diferentes trilhas que cada um irá percorrer não anula a existência e a legitimidade dos diferentes caminhos.

Ao se propor compreender a formação do Educador Ambiental é possível identificar que Carvalho, também encontra aspectos que não permitem delimitar esse “universo de estudo” em um recorte descrito, capaz de abranger tudo que o permeia, pois suas fronteiras são flexíveis e tênues ou até mesmo inexistentes em alguns momentos. Partindo do ponto de vista de que esse “universo” se comporta como um fluido, algo que permuta e não se enrijece, entendemos a dificuldade de explicá-lo em uma totalidade. Assim, Carvalho (2001) descreve:

> Nomear-se educador ambiental aparece ora como adesão a um ideário, hora como sinônimo de um ser ideal ainda não alcançado, hora opção de profissionalização, hora como signo descritor de uma prática educativa ambientalizada, combinando em diferentes gradações as vias da militância e da profissionalização num perfil profissional–militante. (...) assumem o caráter de uma identidade dinâmica, muitas vezes em trânsito. (p. 389)

Mesmo que a autora compreenda o Educador Ambiental como uma identidade dinâmica, em seus manuscritos, o Educador Ambiental encontra-se atrelado ao sujeito ecológico e a uma questão profissional, ou por vezes, um profissional-militante.

> No horizonte do sujeito ecológico abre-se uma série de frentes de ação. Como discutimos no capítulo anterior, a militância ao ser incorporada como um habitus, parece atravessar as opções profissionais gerando uma forma particular de ser um profissional ambiental. Dentre as várias possibilidades de profissionalização, tornar-se um educador ambiental é a que vamos explorar (CARVALHO, 2001, p.238).

Carvalho (2001), explica a invenção do sujeito ecológico e no que ele está estruturado: “o que está sendo inventado no ato narrativo autobiográfico dos educadores ambientais é, para além da dimensão pessoal das vidas narradas, um sujeito ecológico, que idealmente é suposto atuar segundo uma ética ambiental” (p.142). O que compreende o sujeito ecológico mais voltado à área ambiental, e assim, nesse pano de fundo a autora arremata a “ideia de que a EA é a ação educativa do sujeito ecológico. Isto significa privilegiar sua filiação a uma tradição ambiental mais do que a uma tradição pedagógico-educativa’ (p.188).

Nesse contexto, o Educador Ambiental e o processo de formação a partir da trajetória de vida, não são inerentes à condição de Educadores Ambientais que o sujeito ecológico ressalva na sua plenitude, pois ele partilha de um projeto político emancipatório, porém esse não está necessariamente voltado aos estilos de vida, ou “por exemplo às práticas materiais cotidianas e as condutas morais - coerentes com um sujeito ideal ecológico” (CARVALHO, 2001, p.212). Ele se configura mais próximo ao repertório da dialética, do que ao campo ecológico, apresenta uma conduta mais reflexiva, coerente às relações que permeiam o contexto dos seus modos de vida, do que em si o pragmatismo revestido de uma moralidade verde.

3 Reflexões finais

Os trabalhos de Carvalho apresentam grande relevância nas pesquisas da área de EA, pois a autora abriu as discussões para a reflexão da formação do Educador Ambiental como sujeito, após uma resposta das instituições às conferências que trouxeram para pauta a Educação Ambiental. Pode ser

identificado em alguns trechos dos seus trabalhos esse processo histórico que vem profissionalizando o Educador Ambiental:

> Aqui se pode observar uma geração mais nova que pode iniciar sua carreira como profissional ambiental nos anos 90, quando começa a existir um mercado de trabalho para este perfil profissional. (...) a nova geração tem mais chances de iniciar suas vidas profissionais já como educadores ambientais (CARVALHO, 2001, p. 288).

Esse campo constitui um universo que não cabe em uma única análise. Dessa forma, Carvalho tem como foco a formação enraizada no momento histórico em que se profissionaliza a Educação Ambiental, e assim, é mais comum que ela apresente o Educador Ambiental como um profissional, compreendendo, nesse caso, que o ensino superior é o processo mais relevante para tal formação (CARVALHO, 2001). Mesmo assim, a própria autora considera outros processos que não interpassam no ensino formal, como já citado em exemplo a militância, da mesma forma, não necessariamente a EA está atrelada a uma questão profissional.

Longe de esgotar esse debate, compreendemos que mais significativo do que conceber o Educador Ambiental como uma particularidade do sujeito ecológico ou mesmo um profissional ambiental, é compreender que essa pessoa, independente do processo educativo o qual foi submetida, seja ele formal, não-formal ou informal, assume o papel e ações, que atende à demanda de um contexto da EA naquele momento. Tratando da Educação Ambiental crítica, essa educação permeará à complexidade, a dialética e a emancipação e, assim, agrega a intensão do fazer educacional. Como Fasano (2016), embasado em Gramsci (2014), considera: “toda ação revolucionária é essencialmente pedagógica” (p.231). O que revela seu passaporte mais para o campo educacional do que o campo ecológico. O uso da terminologia ambiental e ecológica quando vinculada a educação, torna-se um apelo intencional, pois, se entendermos que o que funda o ser é a sua relação com a natureza, como condição para sua existência, não haveria necessidade de chamar de ambiental a educação (LOUREIRO, 2013). Porém, compreender essa relação

considerando sua complexidade, não favoreceria o mercado. Assim, há de termos cuidado para não esvaziar o debate, pois ao envolver esse discurso considerando o ambiental dissociado, teremos o foco nos sujeitos como ecológicos, e esqueceremos de considerar os sujeitos como dialéticos.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola.** In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). Práticas coletivas na escola. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 115-124, 2013.

_____. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental.** Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

FASANO, Edson. **Pensamento contra-hegemônico: epistemologia freireana e pedagogias do Sul.** Educação & Linguagem, v. 19, n. 1, p. 223-243, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ninguém nasce perfeito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.** In: Política e educação: ensaios. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Mesa Redonda - **"A temática ambiental na pesquisa em Educação Ambiental: diferentes abordagens teórico-metodológicas -- Materialismo histórico-dialético e Epistemologias Ecológicas."** EPEA, 07 de julho de 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KUPPvhpq-5c >. Acesso em: set.18.